

entre aspas ” A Amazônia urbanizada

Durante anos, os satélites espaciais tiveram seus olhos voltados para o desmatamento, a colonização agrícola, os garimpos e as áreas indígenas na Amazônia. Mais recentemente, porém, um novo ator, decisivo, começa a determinar o futuro da região amazônica: as cidades e áreas urbanizadas.

A população da região aproxima-se dos 20 milhões de habitantes, marcando a consolidação de uma nova economia local, mais complexa e voltada para o consumo da região.

O monitoramento agrícola e ambiental de um conjunto de áreas situadas nos estados do Acre, Amazonas, Mato Grosso, Roraima, Rondônia e Tocantins, pela equipe de pesquisadores da Embrapa Monitoramento por Satélite, mostra que as cidades são hoje as principais motoras e beneficiárias das atividades econômicas regionais. Nada indica que isso possa reverter-se no futuro. Desta forma, os serviços urbanos desempenham um papel crescente e determinam uma nova dinâmica de desmatamento e de mudança de padrões no uso das terras. Paralelamente, declina na região a importância de atores tradicionais como o governo federal, os empreendimentos estatais, os garimpeiros e as populações que vivem do extrativismo.

Para caracterizar essa nova dinâmica da presença humana e da urbanização na Amazônia, a Embrapa Monitoramento por Satélite vem trabalhando com vários sistemas orbitais ou satélites de monitoramento terrestre. Para uma primeira identificação das vilas e cidades, trabalhou-se com dados do satélite norte americano DMSP.

O DMSP (Defense Meteorological Satellite Program), iniciado em 1960, é um programa de satélites inicialmente destinado a atividades de defesa dos EUA, cujos dados também têm sido utilizados para estudos meteorológicos, embora o acesso às informações ainda seja bastante restrito.

Uma das características especiais destes satélites está na capacidade de gerar imagens com pouca quantidade de luz, como a refletida pela Lua. Isso permite uma detecção excelente de cidades, além de pontos de luz noturnos, como as queimadas.

Um acompanhamento das luzes fixas, que não variam de uma noite para a outra, por exemplo, permitiu estabelecer - através de uma centena de imagens - um mapa das cidades e aglomerações urbanas existentes na Amazônia.

Esse trabalho levou à identificação de mais de 1300 cidades de pequeno, médio e grande porte na região. Muitas vilas e pequenas cidades, porém, desligam seus geradores antes de dez horas da noite e não são captadas quando da passagem do satélite DMSP, por volta da meia noite. Assim, esse trabalho foi complementado por outros dados oriundos do IBGE, FUNAI, DNPM e ONGs. Eles permitiram a identificação de algumas grandes fazendas, lugarejos e vilas, áreas de mineração, povoados extrativistas e aldeamentos indígenas, com características de pequenas vilas urbanizadas. Com esse novo

mapeamento, o total das áreas com vilas e cidades ultrapassa 1.500!

Esse monitoramento revela mudanças significativas e inéditas na economia regional. Com a consolidação econômica de um grande número de novas cidades de médio e grande, suas populações desenvolvem novos circuitos de produção e consumo. O setor agroindustrial está em crescimento acelerado. A estratificação e a mobilidade social consolidam-se, a exemplo do resto o país.

A base igualitarista dos antigos projetos de colonização e assentamento, onde milhares de pessoas recebiam a mesma quantidade de terra, começa a hierarquizar-se. Aparecem pequenos, médios e grandes produtores, assim como novos serviços e atividades na área rural. Os imensos latifúndios revelam-se uma impossibilidade administrativa e vêm sendo divididos.

O nível e as exigências de consumo dos núcleos urbanos aumenta constantemente. Os circuitos de comercialização do setor agroalimentar, sofisticam-se, através de empresas como a Parmalat, Danone, Nestlé etc e ganham uma enorme capilaridade. A agricultura local atende cada vez uma parte maior dessa demanda e ainda exporta. Isso é patente com carne, grãos, frutas e madeira, e também com o leite e seus derivados, em algumas regiões. A nova fronteira da soja, por exemplo, no extremo ocidental da Amazônia, está sendo ampliada em bases inteiramente privadas. Sua extensão acontece a partir de cidadãos com experiência agrícola e não a partir de pequenos agricultores ou produtores sem terra. Dinâmicas análogas impulsionam a produção do café, do arroz e a pecuária.

É de se considerar essa nova dinâmica, da Amazônia urbanizada, nos estudos sobre desmatamentos e uso das terras, de forma a reorientar as medidas governamentais para seu controle e as políticas públicas para a região.

índice

Evaristo Eduardo de Miranda, 47 anos, é doutor em Ecologia e pesquisador da Embrapa Monitoramento por Satélite.



[home](#) [mundo virtual](#) [matérias especiais](#) [arquivo](#) [ano 2000](#)

Copyright © 1998 Agência Estado. Todos os direitos reservados.